



## **O ANALISTA E A LOUCURA \* (ou o santo e o objeto)**

Vieira, M.A. *Latusa n. 14*, Rio de Janeiro, EBP-Rio, 2009, pp. 23-38.

[Capa e índice](#)

### **Resumo**

O que o analista tem a oferecer quando falamos de Psicanálise na cidade? Este texto trabalha com a ideia de Lacan de analista santo. Como alguém que exerce a “descaridade”. “O santo, para que me compreendam, não faz caridade. Antes presta-se a bancar o dejetivo: faz descaridade”. Partindo dessa posição do analista, o texto traz inúmeros personagens para jogar com essa concepção. Do lixo ao capitalismo ilimitado, como podemos pensar esse analista santo?

**Marcus André Vieira**

### **Do sujeito ao santo**

Em um momento memorável, Jacques Lacan concedeu uma entrevista a Jacques Alain Miler, jovem filósofo à época, que foi filmada e apresentada pela televisão francesa.<sup>1</sup> Parto da terceira pergunta lançada por Miller a Lacan. Era uma pergunta provocativa sobre o que hoje chamamos do campo da saúde mental, ou da reabilitação psicossocial: “Os psicólogos, os psicoterapeutas, os psiquiatras, todos os que trabalham em saúde mental, são eles que, na base e na dureza, agüentam toda a miséria do mundo. E o analista, enquanto isso?”.<sup>2</sup>

Naquela época não se encontravam tantos analistas nos hospitais, escolas, caps, como hoje. Não é mais tão fácil acusá-los de não se envolverem, de se limitarem ao “bem bom” dos consultórios, mas isso não significa que tudo mudou. Quero propor que o analista ainda tende a ser tomado como diferente. É que, longe de qualquer pretensão, de se tomar por alguém superior, há uma estranheza particular em sua posição.

Vamos imaginar um analista em uma reunião de equipe, em um Caps, por exemplo, que foi minha experiência. A discussão gira em torno de um “usuário”. Fala-se sobre a pessoa em questão, supõe-se que ela seja uma coisa só. Na gaveta etiquetada com seu nome próprio e sustentada por seu corpo vão se depositando, ao longo da discussão, os mais variados saberes: que ele não gosta de fulano, que sorriu quando lhe deram isso ou aquilo, que é um esquizofrênico, que gosta de trabalhar na oficina de bijuterias

etc. Quanto mais for dito melhor, certo, mas qual informação vai valer mais que as outras? Qual vai dar o norte do tratamento?

Não é o fato de associarmos um mundo de informações a alguém que nos fornece certeza ou decisão. Costuma ser o contrário, quanto mais sabemos sobre nós, sobre nosso corpo, por exemplo, quanto há de calorias em cada prato que se come, as nossas necessidades de vitaminas e calorias, mais ficamos perdidos, lançando mão do primeiro manual de autoajuda que encontramos.

E o que faz o analista nesta reunião? O nome mais conhecido para referenciar sua ação é o do “sujeito”. Diz-se que ele se preocupa com o sujeito. Ora, considerar o analista como o campeão do sujeito seria injusto com tantos que também consideram que o discurso daquele que sofre tem que ser respeitado, mesmo se ilógico ou delirante.

De todo modo, segundo consta, nós, psicanalistas, levantamos a bandeira do sujeito, mas o que significa dizer “é preciso ouvir o sujeito”? Nem sempre sabemos onde ele está, ainda mais quando, às vezes acontece, o sujeito em questão nem ao menos aceita seu nome próprio. Costuma-se considerar que tanto mais nos aproximamos do sujeito quanto mais nos interessamos pelas particularidades de alguém, pelas histórias mais pessoais, nos fatos mais íntimos, de preferência narrados pela própria pessoa e com bastante afeto. Nem sempre, porém, dispomos disso, especialmente na lida esquizofrênicos, que dizer com autistas. Por isso a cena da reunião. Ali não há este sujeito na primeira pessoa narrando suas intimidades. Então qual daquelas tantas informações será a “do sujeito”?

Aquele que defende o sujeito tomando-o como as particularidades reais e verdadeiras de uma subjetividade, na hora de deslocar-se no campo da reabilitação psicossocial se verá rapidamente desorientado, pois é a própria subjetividade que às vezes está por ser construída. Ainda mais porque nem mesmo poderá apostar no infantil ou no sexual como fazemos de hábito para garantir que ali há sujeito. É só pensar no quanto a sexualidade na psicose é confusa e o quanto a história às vezes se perde. Então, em cima de quê isso poderá ser feito? Existe um material próprio ao analista que lhe dê um lugar nesta equipe, ou este lugar será sempre o dos mistérios do sujeito?

Acompanhemos a resposta de Lacan. Para começar ele diria a toda equipe reunida, algo como: quem suporta a miséria do mundo está sustentando-a, mesmo quando a denuncia e luta contra ela.<sup>3</sup> É pesado, pois parece aquilo que os mais reacionários dizem sobre a caridade: “não dê esmola, pois estará acomodando o mendigo em sua posição de pedinte”. É preciso recolocar essa frase de Lacan em seu contexto, pois este tipo de afirmativa em nossa cidade se torna especialmente cruel. Lacan quer fazer valer, no contexto assistencialista do estado francês de sua época, o quanto é necessário considerar em cada um que sofre alguma parcela de vida e desejo. É com ela que devemos trabalhar, senão tomaremos nossos pacientes como objetos, mesmo que de uma assistência caridosa.

Apesar disso, e apesar de qualquer contextualização, o que diz Lacan já é o bastante para tornar sua posição um pouco estranha. Aborrecidos com sua acusação, poderíamos retrucar: se de qualquer modo, o que quer que se faça está colaborando para sustentar a miséria do mundo, o que faz o analista? Aqui, em vez de falar do sujeito e de uma pretensa subjetividade a ser preservada, em vez da pureza da intimidade, a resposta de Lacan é das mais estranhas: primeiro ele define o analista como um *santo* e depois diz que ele faz *descaridade*.<sup>4</sup> Lacan, em vez de melhorar a nossa indignação a transforma em perplexidade. Santo? Mas não é justamente o santo

o símbolo da caridade? É preciso levarmos em conta que Lacan não está usando o termo em seu sentido corriqueiro, o analista não é o homem puro, acima de todos, flinando no céu, como desenham os retratos dos santos. Ele se interessa pelo santo como pessoa física, como o que o distinguiu em sua vida e que só veio a conferir-lhe a beatificação na posteridade. “Um santo, durante sua vida, não impõe o respeito que às vezes lhe vale uma auréola”.<sup>5</sup> Lacan enfatiza no santo sua vida e não a lenda. Aqui o contraste impera. O santo com o qual deveria parecer o analista não é idealizado, puro, elevado, superior, desapegado, mas sim mais próximo de como costumam ser os santos em vida, pessoas no mínimo bastante controversas. O santo costuma ser alguém mergulhado na miséria de seu tempo, nem sempre light e leve, mas violentamente tomado pelas paixões do mundo. Delas, ele parece extrair algo mais.

De fato, desde Freud sabemos que o analista lida com aquilo que ninguém quer saber, com a escória do discurso, com aquilo que numa vida foi colocado embaixo do tapete por ser incompatível com a imagem que se tem de si. É este o santo de Lacan, aquele que ouve as mazelas de uma vida não como desabafo, mas que mergulha nelas para com elas fazer algo novo. Neste sentido vem a segunda definição, na qual o santo é tudo menos um assistencialista caridoso: “O santo, para que me compreendam, não faz caridade. Antes presta-se a bancar o dejetivo: faz descaridade”.<sup>6</sup>

Por lidar com o que não interessa a ninguém, nem mesmo a seus pacientes, recebe em sua figura um pouco da estranheza e da ambiguidade que temos para com os dejetos de nossa própria vida, que a ele confiamos: algo importante, mas que quero deixar o mais rapidamente para trás.

Para nos aproximarmos do entendimento dessas difíceis definições seria preciso todo um percurso, como costuma nos exigir Lacan, sobre o *caritas* medieval, que retoma a *filia* grega e a coloca em relação com o divino. Seria bom mostrar o quanto isso desfigura a filia, afim de afastar a oposição thomista entre caritas, puro e abstrato de um lado, e o Eros das inclinações sensíveis do corpo animal.<sup>7</sup>

Em vez disso, proponho que tomemos como guia um sujeito e seu lixo para imaginar o que proporia com ele Lacan.

### Estamiras<sup>8</sup>

Estamira foi uma fortaleza de senhora: Estamira Gomes de Souza, três filhos, mais de vinte anos vivendo do que recolhia no lixão do Rio de Janeiro. Ela é também o personagem central de *Estamira*, documentário de Marcos Prado, a senhoria de um impressionante discurso. Elas não são idênticas. A segunda é resultado da passagem da primeira pelo olhar do documentário. Mas vamos lidar apenas com a do documentário.

Há muita coisa no documentário que, como em tudo que brilha, é plural e multiuso. Desenha o lixão, que se tornou “Aterro Sanitário de Gramacho” e que foi recentemente desativado após ficar abarrotado com o equivalente a treze estádios do Maracanã cheios até a borda; acompanha os efeitos do tratamento ministrado pela Rede de Serviços em Saúde Mental para um usuário pobre do subúrbio do Rio; conta um pouco da história da psiquiatria do Rio nesses últimos cinquenta anos; retrata um pouco da função, ali, da religião, dos laços de família, hoje, e muito mais. Acima de tudo, ensina sobre a loucura, ou melhor, sobre suas íntimas relações com a razão. Afinal, é tudo menos fora do juízo uma fala como esta de Estamira descrevendo o lixão:

Isso aqui é um depósito dos restos. Às vezes é só resto, e às vezes vem também descuido. Resto e descuido. Quem revelou o homem como único condicional ensinou ele a conservar as coisas, e conservar as coisas é proteger, lavar, limpar e usar mais o quanto pode. Você tem sua camisa, você está vestido, você está suado, você não vai tirar a camisa e jogar fora, você não pode fazer isso. Quem revelou o homem como único condicional não ensinou trair, não ensinou humilhar, não ensinou tirar, ensinou ajudar. Miséria não, mas as regras sim. Economizar as coisas é maravilhoso, porque quem economiza tem. Então as pessoas têm que prestar atenção no que eles usam, no que eles têm, porque ficar sem é muito ruim. O Trocadilo fez numa tal maneira que, quanto menos as pessoas têm, mais eles menosprezam, mais eles jogam fora. <sup>9</sup>

## O Outro

O personagem será nosso objeto, sem que possamos (ainda bem) em nada legislar sobre a pessoa. Nada melhor para a psicanálise. Um personagem se presta mal a material empírico para conclusões universais. Ele será, antes, aula da instável proeza que nos interessa: passar para o universal e imediatamente inteligível, algo do estranho e indizível de um singular como tal. Ensina, então, sobre **isso** a que uma análise almeja.

Deixemos, assim, o par foucaultiano “razão-desrazão”, para nos focalizarmos neste “singular-universal”. Será preciso incluir em nossa leitura um olhar terceiro, o de Marcos Prado, pois é no encontro entre os dois, Marcos e Estamira, que alguma coisa toma forma, nos toca e garante o efeito certo do filme. Seria Marcos um mediador? Lacan prefere o termo *secretário*. Para começar a entender a diferença entre os dois é bom lembrar que, tal como numa análise, são dois corpos, mas não exatamente, pois um fala e o outro registra. E sobretudo, mesmo que sejam dois, dali sairá apenas um personagem, ainda que extremamente multifacetado.

Como de praxe, o analista tem a vantagem de contar com a função do Outro para fazer essa mágica passagem do privado ao público, que é também a do documentário. Para começar, com seu *Outro* Lacan reúne os planos “macro” e “micro” da alteridade. O Outro tanto é para todos a cultura quanto para cada um algo de sua mãe, seu cuidador primeiro. Como “tesouro do significante”, ele tem tudo o que se pode saber sobre qualquer coisa. Neste sentido, a função do Outro se confunde com o que Lacan definirá mais tarde como *sujeito suposto saber*, a quem se endereça o analisante para encontrar a chave de seu mistério: como dizer o sem nome.

Com Estamira, porém, o sujeito suposto saber não funciona. Para ela, de modo algum o saber que vale provém da tradição ou do patrimônio ancestral de sabedoria da humanidade. Ele deverá ser inventado, pois a via régia para o coletivo está fora de questão, foracluída, nos termos de Lacan. Veremos como. Por ora, constate-se o seguinte: ai de quem chega para Estamira com versões já prontas da via régia mais comum, Deus, o Nome-do-Pai e o sentido religioso da vida<sup>10</sup>. É o que faz seu filho, provocando o seguinte discurso:

Trocadilo safado, canalha, assaltante de poder, manjado, desmascarado! Me trata como eu trato que eu te trato; me trata com o

teu trato que eu te devolvo o teu trato. E faço questão de devolver em triplo! Onde já se viu uma coisa dessa? A pessoa não pode andar nem na rua onde mora, nem trabalhar dentro de casa e nem em trabalho nenhum, em lugar nenhum (...) Que Deus é esse? Que Jesus é esse que só fala em guerra e não sei o quê?! Não é ele que é o próprio Trocadilo? Só pra otário, pra esperto ao contrário, bobado, bestalhado. Quem já teve medo de dizer a verdade largou de morrer? Largou? Quem anda com Deus, dia e noite, noite e dia na boca ainda mais com os deboches, largou de morrer? Quem fez o que ele mandou (...) largou de morrer? Largou de passar fome? Largou de miséria? Ah, não dá, não adianta! Ninguém, nada vai mudar meu ser. Eu sou Estamira aqui, ali, lá, no inferno, nos infernos, no céu, no caralho, em tudo quanto é lugar.<sup>11</sup>

### Infinito

O Outro de Estamira está bem mais próximo do *Google* que, como descreve Jacques Alain Miller, está sempre a um passo de se mostrar como é: sem sentido, burro, puro emaranhado de saberes ser articulação ou hierarquia, sem verdade.

Ai, também, de quem quer entrar em contato com Estamira valendo-se da dissimulação do politicamente correto, como faz sua filha, no estilo “respeito sua diferença”. É que Estamira, em sua posição de exterioridade a nosso mundo de crenças compartilhadas, convive com algo bem mais definido e intenso que as falas dos políticos. Ela está às voltas com a certeza de uma verdade, pois tem um pé nesse lugar de onde vêm todas as verdades, algum lugar além de nossas prescrições e saberes e que é sempre um espaço aberto ao infinito.

A doutora me perguntou se eu ainda tava escutando as voz que eu escutava. Eu escuto os astros, é, as coisas, os pressentimentos das coisas.<sup>12</sup> Eu falei pra Dra. Alice: minha cabeça tem hora que parece que dá choque. Não dói não, dá agonia, dá choque. Bate assim, igualzinho onda de mar<sup>13</sup>. A doutora passou remédio pra raiva. Eu fiquei muito decepcionada, muito triste, muito profundamente com raiva dela falar uma coisa daquela. E ela ainda disse sabe o quê? Que Deus que livrasse ela. Que isso é magia, telepatia, e o caralho. Porra, porra, porra! Pra quê pô? Ela me ofendeu demais da quantia. Ela é copiadora. Eu sou amiga dela, gosto dela eu quero bem a ela, quero bem a todos, mas ela é copiadora. Eles estão fazendo sabe o quê? Dopando quem quer que seja com um só remédio. Não pode. O remédio é o seguinte: se fez bem, pára, dá um tempo. Se fez mal vai lá reclama como eu fiz 3 vezes na quarta vez que eu fui atendida. Entendeu? Mal eu não quero mal deles não. Eles tão copiando. (...) Vocês não aprendem na escola, vocês copiam, vocês aprendem é com as ocorrências. Eu tenho neto de 2 anos que já sabe disso. Tem de dois anos que ainda não foi na escola copiar hipocrisias e mentiras charlatais.<sup>14</sup>

### Vertigem

Portanto, para Estamira, não servirão nem religião, nem meios-termos, nem ciência, no que esses discursos podem ser um bálsamo para as agruras do que temos de

loucura em nós. Sim, a loucura em nós e não no doente, pois, como dirá Lacan: “longe de a loucura ser um fato contingente das fragilidades do organismo, ela é a virtualidade permanente de uma falha aberta em sua essência”<sup>15</sup>.

Até aqui, seguimos Estamira, mas assola-nos uma vertigem: se diante do real infinito, tudo o que sabemos é cópia, em quê nos escorar? Afinal, até mesmo o que somos não foi, de certa forma, implantado em nossos corações e mentes?

Recuamos assustados salvando-nos do abismo ao inserir entre nós e Estamira a pergunta: Por quê? Porque ela ficou assim? Talvez os acontecimentos ou a genética expliquem sua loucura. Acontece que Marcos Prado soube construir um estranho personagem. Os dados poderiam nos tocar: mãe esquizofrênica, marido violento que a obriga a internar a mãe e que, após anos de agressões, a abandona com dois filhos, estuprada, pobre... Tudo isso levaria a um “ela sofreu demais”, para explicar a loucura da mãe, o que a restauraria como nossa paciente. Mas, no filme, as lembranças às vezes dizem muito, às vezes nada.

Nasci no 7 do 4 do 41, a carne e o sangue, e o formato. E aí então sabe o que aconteceu? Eles levaram meu pai no 43. Aí nunca mais meu pai voltou. O meu pai chamava eu de tanto nomezinho. Chamava eu de uns nome engraçado. Merdinha, é, neném, filhinha do pai. Depois eles disseram que meu pai morreu. Aí então, minha mãe ficou pra cima e pra baixo comigo. Que judiação né? Coitada da minha mãe, mais perturbada que eu. Bem, eu sou perturbada, mas lúcida, e sei distinguir a perturbação, entendeu como é? E a coitada da minha mãe não conseguia. Mas também pudera eu sou Estamira, né. Se eu não der conta de distinguir a perturbação eu não sou Estamira. Eu não era... Eu não seria...<sup>16</sup>

### Freud não explica

É preciso afirmar, como decisão metodológica e não confissão de impotência: “Freud não explica”. Apesar de toda nossa vontade de achar a chave, não há causa. Só assim será possível seguir Lacan e tomar ao “pé da letra” o que o alienado nos conta<sup>17</sup>. Não se trata de acreditar nele, nem de compreendê-lo como doente, ou santo. Para poder levar o doente ao pé da letra, Lacan se serviu da noção de estrutura. Afinal, se fosse apenas para criar mais um diagnóstico por meio de uma nova categorização segregativa, não teria sido preciso tanto trabalho. O mesmo é válido para nosso uso atual de *psicose ordinária*: ou se trata de uma ferramenta para interrogar o real de hoje ou não vale a pena. Com a estrutura psicótica ele buscou um lugar para que pudéssemos preservar a estranheza com que vive o louco. Nem santo, nem doente, *psicótico*. Dessa forma, em vez do “porque”, Lacan, como Jaspers, dá lugar ao “como”. Com olhos de “como”, fica evidente que a questão do psicótico não é, como em Cecília Meirelles, entre isso ou aquilo, mas com *tudo isso* que constitui nosso pequeno mundo. Nossas crenças e desejos, nossas histórias e sonhos. É com o Outro como a própria cultura que o louco lida em “uma relação mais radical, mais global com o fenômeno do significante”<sup>18</sup>. Por isso, seu parceiro é sempre “mega”, deixando-lhe apenas os pressentimentos das coisas, exilado, apesar de dentro.

A criação toda é abstrata. O espaço inteiro é abstrato. A água é abstrato. O fogo é abstrato. Tudo é abstrato. Estamira também é abstrato. Tudo que é imaginário tem, existe, é. Sabia que tudo que é imaginário existe e é e tem? Pois é. Os morros as serras as montanhas... paisagem e Estamira... Estamar, Estaserra... Estamira tá em tudo quanto é canto, tudo quanto é lado.<sup>19</sup>

### O poder real

Marcos Prado afirma que só considerou ter um filme em mãos quando pôde dar ao discurso trovejante de Estamira um pouco de história humana. Felizmente, apesar disso reverente, aceitou subordinar a novela familiar ao mito delirante. Põe todas as cenas em que são fornecidas balizas históricas em preto e branco. As histórias são importantes, claro, mas é imperativo que não ofusquem a história de uma loucura. É essa que conta. Nesse sentido, é preciso destacar um momento histórico, constatado por Carolina, a filha de Estamira. Ela conta como o lado trovão de sua mãe desencadeou-se:

Ela começou assim: “Dona Maria você sabe que fizeram um trabalho de macumba para mim”, aí pisou na macumba, Deus me proteja... Aí um mês depois disse: “Eu tenho impressão que tem gente do FBI atrás de mim, quando eu tô no ônibus eu tenho impressão que tão me filmando, eu não sei pra que, tipo com câmera escondida”. Um dia sentou lá no quintal da minha sogra, aí olhou pros pés de coqueiro, olhou, olhou, olhou, olhou, aí virou para minha sogra e falou assim: “isso aqui é que é o poder, isso que é tudo que é real, isso é que é real”. Naquele dia acho que ela desistiu mesmo de Deus e agora é só “eu” e “eu”, o “poder real” e acabou.

### A missão

Por que exatamente ali e exatamente dessa forma? Não saberemos, mas é possível constatar que, juntamente com o encontro-ruptura com o poder real, puro corte e silêncio, vem, quase ao mesmo tempo, um modo de costura e conexão: a missão de “revelar”. Muito coisa gira em torno dessa missão que lhe dá função na Terra.

A minha missão, além d’eu ser Estamira, é revelar a verdade, somente a verdade. Seja capturar a mentira e tacar na cara, ou então ensinar e mostrar o que eles não sabem, os inocentes... Não tem mais inocente, não tem. Tem esperto ao contrário, esperto ao contrário que tem, mas inocente não tem não.<sup>20</sup>

### Transbordo

O diagnóstico, então, não é nenhum desafio: esquizofrenia paranóide. CID F20.0. O delírio, inclusive, é bastante comum em seus temas principais. O importante, se seguimos Lacan, é o modo singular como se conectam os nomes da cultura com o real daquilo que chamamos “gozo”. Nos termos de Estamira, ele é “transbordo”.

Tem o eterno, tem o infinito, tem o além e tem o além dos além. O além dos além, vocês ainda não viram. Cientista nenhum ainda viu o além dos além (...). Os além dos além é um transbordo. Você sabe o quê é um transbordo? Bem, é toda coisa que enche, transborda, então o poder superior real, a natureza superior contorna tudo para reservas. É lá nas beiradas. Entendeu como é? Nas beiradas ninguém pode ir, homem nenhum pode ir lá (...) Pra esse lugar que eu tou falando, o além dos além. Lá pras beiradas, muito longe. Sangüíneo nenhum pode ir.<sup>21</sup>

É preciso, para ter uma idéia do quanto esse transbordo é presente em nossas vidas, aproximar, como talvez tenha feito Marcos Prado, a intuição dos medos e mitos mais antigos. Ela nos contará então, assim como Estamira, histórias de um transbordar abissal do fim do mundo, lá onde acaba a Terra, onde, para nossos antepassados navegadores, não havia limite. Apenas um derramar do mar sem fim. Esse transbordar é apenas vislumbre e possibilidade, um além que nos habita como assombro, pois Estamira tem razão: nenhum sangüíneo, finito, pode habitar o insuportável infinito.

### O falo

Mas como ela foi parar lá? Uma primeira resposta de Lacan é comparativa: é que Estamira partilha de um *Unglauben*, recusa da crença nos termos de Freud, recusa da conexão comum, do falo como provedor de acesso universal. Este, nada mais é que a crença partilhada de que existe uma medida comum para todas as coisas. Para uma pequena ilustração da função fálica, e já que falamos de transbordo, entremos, como propõe Lacan no *Seminário 10*, em uma bacia.

A bacia nos remete a uma cena e a um nome próprio: Arquimedes. Seu célebre *Eureka* sela o momento de uma operação decisiva. Quantos já não mergulharam em uma banheira e viram a água transbordar? Arquimedes, porém, fornece a fórmula do transbordo, compreende-o como um objeto concreto, objetiva-o com uma fórmula simples: cada corpo mergulhado na água produz um transbordamento equivalente à sua massa. O deslumbramento e o êxtase abandonam o transbordo, que se torna dosado, regulável. O falo, para Lacan é isso, apenas uma premissa universal que impõe um regime próprio do pensamento. Sob a dominância dessa discursividade, mesmo quando não se dispuser dos corretos instrumentos de medida, poderemos sempre supor que a água pode ser submetida ao cálculo. Ela nunca transborda, apenas transpõe a borda.

Estamira não paga este preço. Traz com precisão o desmedido do gozo, delineando um mundo em que o represamento inexistente, o que não se faz sem um custo impossível. Quase fora do mundo, terá como contrapartida a necessidade de reconstruí-lo permanentemente por meio do delírio, pagando com desrazão o preço de uma solução para o problema do impossível infinito, ao qual denominará "poder real". Ela terá que vestir a paradoxal missão de "revelar" em sua fúria o indizível segredo desse poder na língua dos homens. Pois sob Arquimedes e seu ponto de mira, está esta Outra mira.

Os morros, as serras, as montanhas... paisagem e Estamira..., estamar, estaserra... Estamira ta em tudo quanto é canto, tudo quanto é lado. Até



meu sentimento mesmo vê, todo mundo vê Estamira. Eu, Estamira, sou a visão de cada um...

### Leitura

Mas como fixar esse transbordamento e deslizamento incessantes? Como obter um ponto de vista que permita estabilizar os nomes e fazer com que digam pouca coisa ao mesmo tempo, às vezes uma só. Lacan dá a pista: pensemos o trabalho de estabilização como o de fixação de uma leitura<sup>22</sup>. Aqui, a analogia com o escrito é preciosa. O mundo se estabiliza por se escrever, escrita continuamente reatualizada por mediação do Outro. Afinal, nada se escreve sem um endereçamento. Neste sentido, vale lembrar o primeiro encontro de nossos protagonistas. Estamira vê Marcos filmando tudo e nada no lixão, lhe chama e diz: “Senta aqui que vou contar minha história, para que você conte para o mundo todo”. Neste trabalho de tradução essencial, o delírio, segundo Lacan, é menos importante em suas significações. O essencial é que alguns de seus significantes de base sejam respeitados. Dar um destino a eles é dar um lugar para Estamira.

Devemos admitir que a psicose não esteja somente na dependência do que manifesta, no nível das significações, sua proliferação, seu labirinto, no qual o sujeito estaria perdido, e mesmo preso a uma fixação, mas que ela provém essencialmente de algo que se situa ao nível das relações do sujeito com o significante (...). O significante deve ser concebido como distinto da significação (...). Que haja significantes de base sem os quais a ordem das significações humanas não poderia estabelecer-se, nossa experiência nos faz sentir com muita frequência<sup>23</sup>.

### Lixão

Ao menos um significante é evidente em Estamira: o lixo. Ele ganhará para ela *status* de um marido: Dr. Cisco Monturo:

A única sorte que eu tive foi de conhecer o Sr. Jardim Gramacho, o lixão, o Sr. Cisco Monturo que eu amo, eu adoro, como quero bem aos meus filhos e como eu quero bem aos meus amigos. Eu não vivo por dinheiro, eu faço o dinheiro. Eu que faço. É você quem faz. Eu não vivo pra isso e por isso. Felizmente graças a aqui, eu tenho aquela casinha lá, aquele barraco. Eu acho sagrado o meu barraco, abençoado, eu tenho raiva de quem falar que aqui é ruim. Sai daqui, eu tenho pra onde descansar, isso que é minha felicidade<sup>24</sup>.

Esse trabalho, autoral, com o significante, não se faz sem um leitor, que pode ou não ser encarnado. Tanto maior será necessária sua presença física quanto mais original for o trabalho, e tanto mais o Outro ali precisará se apresentar para ser conquistado, subvertido, subjulgado para dar seu assentimento com aquilo que louco constrói. Estamira produz o delírio como solução, mas não só. Ela também produz uma solução que não passa pela recriação do mundo, mas por um fazer. A cada dia em que transmuta lixo em dinheiro, ela produz para si um lugar no Outro sem precisar lhe impor o que quer que seja em termos de sentido e ainda ganha dele, de quebra, um lugar para morar e um marido.

## Poema

Parafraseando Lacan em *O sinthoma*<sup>25</sup>, digamos que a conjunção Marcos Prado/Estamira, assim como uma análise, não produziu nenhum poeta, mas sim um poema. Nem um, nem outro saiu curado da debilidade mental que nos obriga a permanentemente entrefechar a porta do infinito para sobreviver, mesmo que nesse encontro provavelmente Estamira tenha podido afastar-se do perigoso abismo, e Marcos Prado dele tenha tido um vislumbre concreto. Mas doravante ambos podem se apoiar no que fizeram juntos para prosseguir renovados.

Schreber não é um poeta, não nos introduz em uma dimensão nova da experiência. A criação é quando um escrito nos introduz num mundo diferente do nosso, nos dá a presença de um ser, de uma certa relação fundamental, como nossa<sup>26</sup>.

Após o lançamento do filme, tendo já recebido vários prêmios, inclusive com a presença de Estamira no palco, Marcos pergunta a ela, ansioso por sua aprovação: “o que você achou do documentário?” Ela diz apenas: “você cumpriu sua missão”.

## Capitalismo ilimitado

Deixem-me agora apresentar uma idéia relativamente surpreendente: não é apenas a psicanálise que lida com objetos ilimitados, o capitalismo também. É isso que Lacan traz à cena quando afirma em “Televisão” que “o inconsciente é o trabalhador ideal” do capitalista.<sup>27</sup> Tendemos a dizer que o capitalismo acaba com a mais-valia, mas é justamente o contrário. O capitalismo é antes de tudo a própria produção do ilimitado. O capitalismo trabalha com a mais-valia da mesma forma que o psicanalista ou o inconsciente. Por isso Lacan aproxima a mais-valia do objeto *a* e, em “Radiofonia”, lembra a relação orgânica entre o mais-de-gozar e a mais-valia.<sup>28</sup>

Vejamos: na fábrica produzem-se objetos que serão vendidos, no final há um lucro que vai para o bolso do capitalista, mas ninguém sabe de onde ele veio já que, pelos menos nessa fábrica ideal, todos foram perfeitamente pagos de acordo com o valor de seu serviço. Todos fizeram sua parte, mas há um *a mais*, um mais-de-gozar, que se acrescenta e ninguém sabe bem dizer como.

Para melhor situar essa bizarra relação de parentesco entre o analista e o capitalista, podemos nos valer do *isso* freudiano. Quase sempre, quando utilizamos o termo *isso*, nos referimos a alguma coisa da qual não conseguimos dar conta, não conseguimos esgotar com uma definição e que ao mesmo tempo não tem bastante “ser” para merecer uma. Freud serviu-se do termo *isso* para criar sua instância, optando por não conferir-lhe “ser” através da objetivação. Apenas colocou em maiúscula (lembrando que o *Id* nada tinha de latim, coisa de James Strachey, seu tradutor, Freud dizia simplesmente *Es*). Freud faz do *isso* um objeto-instância, exatamente *isso*, um objeto ilimitado.

Se é verdade, podemos abordar o slogan do McDonald’s, “amo muito tudo *isso*”, com outros olhos. O que é este *isso* do McDonald’s? Não sabemos dizer, mas sabe-se que a propaganda cria por esses meios o BigMac como um objeto ilimitado. Estendo ao Big Mac uma tese de Žižek sobre a Coca-Cola, que já usou o slogan: “Coca-cola é *isso* aí”

ou “Coca-cola: isso é que é”. Žižek afirma que a *Coke* é um exemplo de objeto *a*, pois ela não é nada e ao mesmo tempo é tudo, por isso, ilimitada, inclusive com todo o folclore em torno do que seriam seus desconhecidos ingredientes.

Costumamos torcer o nariz para os capitalistas, mas as coisas não são assim tão simples. O capital só existe pela produção da mais-valia, que ganha hoje os curiosos nomes de competitividade, criatividade, diferencial etc. E o capitalista é seu artífice. Ele também trabalha com objetos ilimitados, como nós analistas. É inclusive difícil pensar em um sem outro e não é à toa que a psicanálise não se desenvolveu no comunismo. Além disso, em um mundo estritamente religioso, em que o valor absoluto é o do infinito potencial, o capitalismo, mas também a psicanálise, se vêem em maus lençóis. Onde se produz objetos ilimitados, por outro lado, a psicanálise nada a braçadas largas. Como Lacan dizia: “o verdadeiro católico não se analisa”. Ou como dizia Freud, o rico não se analisa, pois ele pode pagar para obter tudo, portanto, nenhum objeto é ilimitado para ele.

É um problema para a visão romântica da psicanálise que se sustenta em um contraponto absoluto com o capital. Precisamos pensar nossas relações com o capital de outra maneira. Quem luta pelo sujeito como marca de alguma coisa fora da cadeia de consumo, mas que está no além, faz da psicanálise uma religião. Esse é um bom modo de lutar contra o capitalismo. Trata-se de uma forma de se antepor ao mundo louco de hoje, porém, no final, talvez esteja inviabilizando a possibilidade da psicanálise. É verdade que se começa uma análise eventualmente acreditando no Deus-Freud e no pastor analista, mas ela não prossegue e muito menos termina assim.

### **O analista multiuso**

Então, o inconsciente é o trabalhador ideal porque, tal como o capital, trabalha com objetos ilimitados, que nunca se esgotam. E a diferença? Onde está?

A primeira e mais evidente é que a série de objetos que se deve percorrer e pôr na sacola para se obter o *isso* será bem distinta em um caso e no outro. Na psicanálise funda-se na história de uma vida e não na cartilha do consumo, a série é mais particular e não diretamente universal. Contudo, a diferença principal não é essa, da massificação dos objetos do capital. Afinal, por mais particulares que sejam os objetos de uma história também fazem parte do mundo. É justamente o *isso* que eles veiculam que dá à série o caráter de singularidade. Em outros termos, a singularidade não está em cada um dos elementos da série, ela insiste em cada um deles. Os objetos-lembrança de uma análise, por mais que em algum momento do tratamento possam ter sido tão prenhes de significados, se apresentarão mais cedo ou mais tarde em sua pouca originalidade, pois afinal não vivemos coisas tão únicas assim.

Conta, para a diferença que buscamos, a particularidade, mas o essencial é a diferença de estrutura entre as duas séries de objetos: os de uma análise e os do consumo. Essa diferença pode ser ilustrada com a propaganda do *Mastercad*: “há coisas que não têm preço, para todas as outras há *Mastercard*”. Ela ensina como lida o capital com seus objetos ilimitados. Primeiramente, o *Mastercard* parece dizer que não é possível comprar a felicidade. Mas, é claro que não se trata disso. Se fosse assim, estaríamos fora do capitalismo, apostando novamente no céu, na felicidade fora do mundo, no além. Nada disso! É preciso ler a propaganda do *Mastercard* ao lado da propaganda do *MacDonald's*: “dois hamburguers, alface, queijo molho especial, cebola pickles num pão

com gergelim”. Nada pode variar. Mas se comprarmos tudo que está na propaganda, então teremos o *isso*. O que a propaganda procura incitar é que na compra de alguns objetos a felicidade vai junto, no meio, como um brinde<sup>29</sup>.

O *isso*, para o capital é um brinde. Desde que se compre tudo o que está contido em uma série fechada, você o ganhará. Em uma análise haverá duas diferenças de peso: a série não é fechada e o *isso* não é brinde. Elas se articulam, mas vamos tratá-las separadamente.

Dada uma cena, a partir da associação livre, dela se extrai um ilimitado número de subcenas e de variações. Esse desfiar de cenas não tem limitação a priori, enquanto que na cartilha do consumo, ela sempre está dada. Que não se confunda essa limitação externa do capital, com o fato de que há sempre um produto a mais a comprar. Ninguém consegue viver em uma série fechada e por isso a propaganda precisa desenhar a cada vez uma nova cena de base. A série de cenas de consumo é aberta e tende ao infinito (a um infinito potencial de uma satisfação absoluta que nunca virá). Mas, a cada cena não há alternativa, senão tudo consumir para que alguma mais-valia de gozo seja incluída na sacola e dê ao consumidor a sensação de que valeu a pena. É o que estou chamando de limitação externa.

Em uma análise, a série de cenas, cada uma delas, é aberta. Cada uma delas é um verdadeiro infinito, um infinito atual, que justifica o termo *ilimitado*. A questão se coloca, então, para a análise: como parar a série de modo “interno”? A resposta já é dada de saída. É o analista, seu consultório, seu bairro, sua presença, seu corpo em última instância, que servem de remédio para a vertigem da interpretação e reinterpretação incessante de cenas, de proliferação de ressignificações que uma análise engendra. O analista é o ponto de basta para isso tudo, mais do que o ritual do encontro, o contrato, que também cumpre essa função. O analista como “semblante de objeto a”, garante que a série de cenas em uma análise é finita, pois ele sustenta a crença do analisante de que em algum momento se chegará ao umbigo de tudo, o centro cego do desejo. De fato, isso ocorre, mas não por descoberta e sim por “construção”. O que ocorre é o que Lacan chama de extração do objeto, que Freud chamaria talvez de construção da fantasia. É como se dessa avalanche de cenas fossem se destacando pequenos elementos que vão se tecendo em uma “cena primária”, ou “fórmula da fantasia”, que nada mais é que uma montagem entre algumas coisas que se sabe que não precisam ter existido, mas que definem o modo como um falante goza, ou como ele se mantém à boa distância do objeto. Desse desfiar de cenas destaca-se um objeto – a chave da repetição – daquilo que insiste no rosário de cenas percorridas. Ele é nosso *isso*, que, brincando com as palavras a partir de Miller, poderíamos dizer que é nosso *osso*.<sup>30</sup> O objeto a, uma vez situado na construção da fantasia incide sobre a série de lembranças interrompendo-a. É o que tentaremos circunscrever com o termo *invenção* neste semestre de curso.

O analista, então, não é apenas aquele que nos faz encontrar objetos ilimitados. Ele próprio, no dizer de Lacan, “banca” o objeto a. Ele é também, um objeto ilimitado.

As indicações de Lacan em *Televisão*, apontam para o fato de que esse status objetual do analista no tratamento, talvez devam orientar seu lugar na cultura. É o que, a meu ver, define Miller, quando propõe que se pense o analista na cidade como multiuso. Quando Miller fala de analista multiuso, tal como Lacan, não está visando os analistas, mas o analista, uma função que os analistas são chamados a desempenhar que às vezes conseguem outras não. O analista é da contingência, os analistas não. Portanto,

o analista e a psicanálise lidam com objetos ilimitados e são em si, para a cultura, igualmente objetos ilimitados. O analista é multiuso justamente por sua lida específica com um objeto que é tudo e nada ao mesmo tempo.

A ciência incide sobre o real a partir de seus objetos, a inserção deles no ciclo do consumo torna-os objetos ilimitados. O celular hoje é um objeto ilimitado. Meu filho dizia outro dia, “aquele celular é muito ruim, ele só liga”. No início, o celular apenas ligava, vocês nem imaginam tudo que ele faz hoje.<sup>31</sup>

Mas não há apenas os objetos da ciência como objetos ilimitados neste mundo, graças a Deus! O analista é um deles. O analista multiuso, o santo de Lacan, seria alguém que se oferece na cultura como um objeto ilimitado ou como aquele que se ocupa de coisas ilimitadas ou, ainda, como aquele que não tem um só sentido para as coisas, mas vários, imprevisíveis e imponderáveis, mas, nem por isso, menos circunscritos ou concretos. Falar de psicanálise na cidade, não significa suportar a miséria do mundo e sim que o analista tem algo a oferecer, a Descaridade de uma relação original com objetos inexistentes e ilimitados.



expediente:

**Conselho Editorial**

Elza Marques Lisboa de Freitas  
Fernando Coutinho  
Lenita Bentes  
Maria Elisa Delcavage Monteiro  
Mário do Rosário do Rêgo Barros  
Manoel Barros da Mota

**Comissão de publicação**

Angela Bernardes  
Cláudia Henschel de Lima  
Cristina Duha  
Maria Elisa Delcavage Monteiro  
Elza Marques Lisboa de Freitas  
Helôisa Caldas  
Isabel Auron Dourado Barbosa  
Romildo do Rêgo Barros

**Indicação**  
LILACS/BIREME

**Editora**

Maria Angela Múrcio Maia

**Secretária de edição**  
Vanda Assumpção Almeida

**Capa**

Paula Delcavage

**Editoração eletrônica**  
Contra Capa

**Site**

www.latusa.com.br

**Agradecimentos**

Maria do Carmo Dias Batista  
Vera Avelar Ribeiro

**Latusa**

v. 1, n. 1 (nov 1997) - Rio de Janeiro: Escola Brasileira de Psicanálise  
Seção Rio, n° 14, novembro de 2009.

Anual

ISSN: 1415-6830

Psicanálise - Periódicos 2. Clínica

L: Escola Brasileira de Psicanálise - Rio de Janeiro

CDU: CDU: 150 (015.8)

CDD: CDD: 150.195

O conteúdo dos artigos é de exclusiva responsabilidade dos autores

Todos os direitos reservados a:

**Escola Brasileira de Psicanálise - Rio de Janeiro**

Rua Capistrano de Abreu, 14 - Botafogo

CEP 22271-000 - Rio de Janeiro - Brasil

Tel / Fax (55 21) 2539.0960

<ebpsio@terra.com.br>

SUMÁRIO

artigos / articles

- 9 Psicose ordinária e sintomas modernos  
*Ordinary psychosis and modern symptoms*  
Jean-Pierre Klotz
- 23 O analista múltiplo (ou o santo e o objeto)  
*The multi-use analyst (or the saint and the object)*  
Marcus André Vieira
- 39 Semblante e discurso: estrutura e verdade na ciência e na psicanálise  
*Semblant and discourse: structure and truth in science and psychoanalysis*  
Tania Coelho dos Santos
- 53 Cartas de amor semblante  
*Love letters semblants*  
Heloisa Caldas
- 65 Introdução à leitura do livro 18:  
*De un discours que não fosse semblante*  
*Introduction to the reading of Seminar 18:*  
*D'un discours qui ne serait pas du semblant*  
Dominique Laurent
- 73 O pesadelo do sinthoma sem semblante  
*The nightmare of the sinthome with no semblant*  
Análisea Calmon

84	Novas configurações familiares: novos semblantes, novas ficções? <i>New family configurations: new semblants, new fictions?</i> Jorge A. Pimenta Filho	133	Laço social e discurso: o pai como semblante <i>Social bond and discourse: the father as a semblant</i> Ana Lydia Santiago
94	Psicanálise e biopolítica: o lugar da psicanálise no contexto do planejamento do DSM-V <i>Psychoanalysis and biopolitics: the place of psychoanalysis in the context of the DSM-V planning</i> Cláudia Henschel de Lima	155	Semblante e sintoma na histeria <i>Semblant and symptom in hysteria</i> Mirta Zbrun
103	Por que reintroduzir a crença no sintoma? <i>Why reintroduce the belief in the symptom?</i> Gilaa F. Tarré de Oliveira	165	Sete vidas: a fragilidade dos semblantes <i>Seven Pounds: the fragility of the semblants</i> Zelma Abdala Galesi
109	Sintoma: trauma e fantasia <i>Symptom: trauma and fantasy</i> Maria Angela Mársico Maia	174	Depoimento de passe <i>Pass testimony</i> Bernard Seynhaeve
149	O sintoma natural (ou a natureza do sintoma) <i>The natural symptom (or the nature of the symptom)</i> Fabian Napsarstek		<i>lance d'olhos / at a glance</i>
	<i>seção clínica / clinical section</i>	187	Metamorfose generalizada. Dark <i>General metamorphosis. Dark</i> Céline Monghi
125	O caminho do semblante ao sintoma <i>The path from the symptom to the semblant</i> Luis Dario Salamone	197	O escrito e a morte anunciada <i>The writing and the annunciated death</i> Marcia Mello de Lima
		207	<i>resenhas / reviews</i>
		243	<i>resumos / abstracts</i>

\* Este texto reproduz uma parte da primeira aula do seminário, *Invenções – A política do sintoma*, realizado na EPB-Rio no dia 21 de agosto de 2008. Boa parte das idéias ali desenvolvidas encontram sustentação em *Restos* (Rio de Janeiro, Contra Capa, 2008). Agradeço a Leandro Reis pela transcrição e notas.

<sup>1</sup> Lacan, J. “Televisão” (1974). Em: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

<sup>2</sup> *Idem*, p. 516.

<sup>3</sup> *Idem, ibidem*. “É certo que agüentar a miséria, como diz o senhor, é entrar no discurso que a condiciona, nem que seja a título de protesto. O simples dizer isso me dá uma posição que alguns não de situar como reprovação da política (...). Apenas indico que não posso fazê-lo a sério, porque ao denunciá-lo [o discurso capitalista] eu o reforço.”

<sup>4</sup> Para ele “não se pode situá-lo [o analista] melhor, objetivamente, senão pelo que antigamente se chamava de ser santo”. *Idem*, p. 518.

<sup>5</sup> *Idem, ibidem*.

<sup>6</sup> *Idem, ibidem*. Para o que segue cf. André, Serge, “Ser um santo” in: Brissac, M. C.; Dumas, R.; Giroud, R. *Connaissez-vous Lacan?* Paris: Seuil, 1992.

<sup>7</sup> Milner, J. C. *Le triple du plaisir*, Paris, Verdier, 1997. Para a retomada de algumas das considerações de Milner sobre a *filia* cf. Malajovitch, N. “Inventar o amor: um desafio na clínica das psicoses”, Tese de Doutorado do programa de Teoria Psicanalítica da UFRJ, 2005 e também Lutterbach-Holck, A. L. *Patú*, Rio de Janeiro, Subversos, 2008.

<sup>8</sup> Vamos fazer outra coisa: acompanhar a trajetória de um santo, neste sentido de lacan. Um paciente. Estamira. **Antes de começar a leitura, dê um pulo no You Tube neste link:**

<http://www.youtube.com/watch?v=SY4ckGM6iHg>

**Se você ainda não viu nem ouviu Estamira ao menos alguns minutos, prosseguirá como o turista japonês que, da Mona Lisa, só recorda o flash da câmera.**

<sup>9</sup> Cf., p. 115.

<sup>10</sup> Cf. “Os nomes do pai”

<sup>11</sup> Cf., p. 119

<sup>12</sup> Cf., p 120

---

<sup>13</sup> Ibidem

<sup>14</sup> Cf. p. 122-123

<sup>15</sup> Lacan, J – *Escritos*, op. cit, p.177

<sup>16</sup> Cf., p.116

<sup>17</sup> Lacan, J. – III: p. 235

<sup>18</sup> Idem – III: p. 239

<sup>19</sup> Cf., p. 115

<sup>20</sup> Cf., p. 116

<sup>21</sup> Cf., p. 119

<sup>22</sup> Lacan, J. – III: p. 236

<sup>23</sup> Iden – III: p. 227

<sup>24</sup> Cf., p. 116

<sup>25</sup> Cf., Lacan J. – *Seminário*, livro...: *o sinthoma*, lição VIII.

<sup>26</sup> Lacan, J. – III: p. 94

<sup>27</sup> Lacan, J. “Televisão”.

<sup>28</sup> : “É realmente o caso de confirmar o que eu disse sobre o mais-de-gozar. O *Mehrwert é Marxlust*, o mais-de-gozar de Marx” Lacan, J. “Radiofonia” (1970). Em: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, p. 434.

<sup>29</sup> Retoma-se aqui um ponto desenvolvido também em *Restos* (cap. 5).

<sup>30</sup> Miller, J.-A. *O osso de uma análise*. Salvador: EBP-Bahia. Biblioteca agente, número especial, 1998.

<sup>31</sup> Teremos que colocar em pauta a ciência. Do ponto de vista idealista, que faz do inconsciente algo *do além*, a ciência é tão vilã quanto o capitalismo, até mais. Por quê? A ciência produz capital? Em Lacan e até mesmo em Miller creio que não acharemos a idéia de que o capital acaba com a possibilidade da psicanálise, no entanto, uma aliança entre o capital e a ciência sim. É o que podemos deduzir, por exemplo, do que indica Lacan em *Triunfo da Religião*. Ele articula a ciência, que produz uma avalanche de novos objetos, e a religião, que prove sentido para eles aos montes. A ciência produz objetos que têm efeito no real. A religião lhes dá sentido, o capital se apropria deles e com eles compõe sua lista obrigatória do consumo (cf. Lacan, J. *O triunfo da religião*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005).